



CATÓLICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

LISBOA · PORTO · VISEU

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE PROVÉRBIOS:
O PAPEL DE FAMILIARIDADE, IDADE E ESCOLARIDADE

PROVERB INTERPRETATION AND COMPREHENSION:
THE ROLE OF FAMILIARITY, AGE AND EDUCATION

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Neuropsicologia

Por

Diogo Fernandes

Lisboa, 2018



CATOLICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

LISBOA · PORTO · VISEU

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE PROVÉRBIOS:
O PAPEL DE FAMILIARIDADE, IDADE E ESCOLARIDADE

PROVERB INTERPRETATION AND COMPREHENSION:
THE ROLE OF FAMILIARITY, AGE AND EDUCATION

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Neuropsicologia

Por

Diogo Fernandes

Sob a orientação da Prof^a Doutora Filipa Ribeiro

Lisboa, 2018

RESUMO

A capacidade de reconhecer e interpretar linguagem não literal, nomeadamente provérbios, reflete aspetos importantes do funcionamento cognitivo. Estes são utilizados em provas neuropsicológicas para avaliação da capacidade de abstração. A familiaridade de cada indivíduo ao provérbio influencia o grau de dificuldade de interpretação do mesmo. A idade e a escolaridade são fatores, identificados na literatura, que parecem ter um efeito modelador no desempenho nas provas de provérbios. Os estudos demonstram que tendencialmente, os indivíduos mais novos e com mais anos de escolaridade conseguem interpretar provérbios mais facilmente.

O objetivo do presente estudo é estimar os efeitos da familiaridade, escolaridade e idade na interpretação de provérbios na população portuguesa e caracterizar um conjunto de provérbios para posterior seleção e utilização na construção de um instrumento de avaliação. Devido à carência atual do mesmo.

A amostra foi constituída por 60 indivíduos, divididos em quatro grupos (jovens com baixa e alta escolaridade e idosos com baixa e alta escolaridade). Foi utilizado um conjunto de 38 provérbios. Foi avaliada a familiaridade e o significado de cada provérbio, ambos reportados por cada participante.

Os resultados mostram uma correlação positiva entre a capacidade de interpretação de provérbios e a sua familiaridade. Os participantes mais velhos atribuem um maior grau de familiaridade que os mais novos e que os indivíduos mais novos e com mais escolaridade têm melhores resultados na interpretação.

Palavras-chave: Abstração; Provérbios; Formação de conceitos; Familiaridade.

ABSTRACT

The ability to recognize and interpret non-literal language reflects important aspects of cognitive functioning. Proverbs are used in neuropsychological assessment tests to evaluate abstract thinking. The familiarity plays an important role and predicts the difficulty of figurative interpretation. Age and education also have modulatory effects on the performance of these type of tests. Younger and more educated individuals have higher scores.

The objective of the present study is to evaluate the affects of familiarity, education and age in proverb interpretation in the Portuguese population and analyze a set of proverbs for posterior selection and usage in a new proverb task, since there isn't any at the moment.

The sample consists in 60 participants sampled between four groups (young with low and high education and elderly with low and high education). Aa set of 38 proverbs was used. Participants rated each proverb for familiarity and reported their meaning.

Results suggest a positive relation between interpretation and familiarity. Elderly subjects report higher ratings of familiarity than the young ones. And younger subjects with higher education had better performance on the task.

Key-words: Abstraction; Proverbs; Concept formation; Familiarity.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar o meu agradecimento à minha orientadora, Professora Filipa Ribeiro, por todo o apoio, incentivo, compreensão e disponibilidade.

E à Professora Catarina Leal e Cristina Carvalho pela prestabilidade, disponibilidade e ajuda na recolha de dados.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO TEÓRICA	1
Provérbios – Definição e Caracterização.....	1
Teorias de compreensão de provérbios.....	2
Correlatos Neurais	4
Avaliação Neuropsicológica e Formação de Conceitos.....	7
Provas de Formação de Conceitos	8
Provas de Provérbios.....	9
Familiaridade na Interpretação de provérbios	10
Idade e Escolaridade na Interpretação de provérbios	11
Provérbios no Contexto de Avaliação Neuropsicológica Português	12
CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	15
METODOLOGIA.....	17
Amostra.....	17
Instrumento e Cotação	18
Procedimento Metodológico	19
Operacionalização de Variáveis	19
Procedimento Estatístico.....	20
RESULTADOS	23
DISCUSSÃO	27
REFERÊNCIAS	33

ANEXOS.....	39
ANEXO A – Análise Descritiva das variáveis sexo, idade e escolaridade	40
ANEXO B – Instrumento: Compreensão de provérbios: o papel da familiaridade, idade e escolaridade na interpretação	41
ANEXO C – Estudo da Fiabilidade do Instrumento: variável significado.....	55
ANEXO D – Termo de Consentimento Informado.....	56
ANEXO E – Pressupostos Estatísticos	57
ANEXO F – Análise de Variâncias Multi (MANOVA) e Univariada.....	59
ANEXO G – Teste de Comparações Múltiplas de Bonferroni.....	61
ANEXO H – Teste de Qui-Quadrado.....	62

ÍNDICE DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1 - Médias da variável significado para cada subgrupo da variável idade.	24
Figura 2 - Médias da variável familiaridade para cada subgrupo da variável idade.	24
Tabela 1- Provérbios com associação significativa entre familiaridade e a idade (n=60).....	25
Tabela 2- Provérbios com associação significativa entre significado e a idade (n=60).	26

INTRODUÇÃO TEÓRICA

A linguagem não literal, também denominada de linguagem figurativa, é uma entidade linguística heterogênea que compreende diferentes formas de discurso que vão para além do significado pragmático das suas palavras constituintes e que requerem a capacidade de processar para além do significado literal de forma a compreender a intenção e mensagem do interlocutor num determinado contexto. Os tipos de linguagem não literal são a metáfora, o provérbio, as expressões idiomáticas, o sarcasmo e a ironia (Rapp, Mutschler, & Erb, 2012; Rapp & Wild, 2011).

A capacidade de reconhecer e interpretar determinados tipos de linguagem não literal, nomeadamente provérbios, reflete aspetos importantes do funcionamento cognitivo (D. Van Lancker, 1990). Desde muito cedo, psicólogos, psiquiatras, neurologistas e neuropsicólogos utilizam este tipo de fraseologia como uma ferramenta para o estudo do estado mental e cognição e para a avaliação de défices cognitivos resultantes de psicopatologia e de disfunções neurológicas (Gibbs & Beitel, 1995). As dificuldades na compreensão de provérbios estão associadas a um défice na capacidade de abstração ou pensamento abstrato. Sendo por isso, estes incluídos em diferentes baterias e provas neuropsicológicas (Lezak, Howieson, Loring, & Fischer, 2004)

Provérbios – Definição e Caracterização

Provérbios são expressões simples, familiares, fixas e concretas que contêm valores partilhados, crenças, normas sociais, temas morais e conhecimento geral de uma determinado grupo social (Gibbs & Beitel, 1995). Todos os provérbios possuem um significado figurado no entanto alguns provérbios (e.g. quem anda à chuva molha-se) têm um significado figurado e literal ao mesmo tempo (Ferretti, Schwint, & Katz, 2007).

Muitos provérbios seguem uma estrutura ou formulação base. Gibbs e Beitel (1995) evidenciam as seguintes: Onde há X há Y (e.g. onde há fumo há fogo); Não há X sem Y (e.g. Não há bela sem senão); tal X, tal Y (e.g. tal pai, tal filho); e um X não faz um Y (e.g. Uma andorinha não faz primavera). E também podem ser caracterizados pela sua métrica e figuras de estilo empregues: rima; rima imperfeita; aliteração; assonância; personificação; paradoxo; e simetria. Estas características permitem que o provérbio seja facilmente reconhecido e mais facilmente memorizado.

Teorias de compreensão de provérbios

Muitas das perspectivas e hipóteses, provenientes dos campos da psicologia cognitiva e linguística, que foram avançadas ao longo do tempo não são específicas para provérbios. A maioria tem como objetivo explicar os processos inerentes à compreensão de linguagem não literal, pontualmente sendo utilizados provérbios como estímulo em alguns estudos. No entanto muitas das conclusões retiradas são generalizáveis para compreensão de provérbios em particular. O objetivo da presente secção não é fazer uma revisão detalhada dessas teorias mas sim um breve resumo que contextualize os modelos emergentes da psicologia cognitiva e de outras áreas como a psicolinguística, que até ao presente têm impacto no racional teórico e enquadramento dos resultados da avaliação neuropsicológica.

Diferentes teorias têm sido adiantadas para explicar o processamento dos diferentes subtipos de expressões figurativas. No entanto cada uma depreende-se com dois aspetos comuns. Por um lado, a ordem, se o significado literal é acedido antes do figurativo e vice-versa. E por outro se os dois são sempre formulados ou não (Thoma & Daum, 2006)

Das teorias mais tradicionais a hipótese hierárquica, defende que o significado figurativo só é formado após o literal estar estabelecido. Clark e Lucy (1975) defendem que a busca por um significado figurativo só é iniciada após a rejeição do significado literal que se dá com base na informação contextual. Os autores fornecem o seguinte exemplo- o significado literal da frase “Tens mesmo que abrir a porta?” pode ser traduzido para a frase “É estritamente necessário que abras a porta?” no entanto a intenção do interlocutor, ou o significado não literal é “Por favor não abras a porta”. Segundo esta teoria, a pessoa que ouve constrói inicialmente o significado literal, depois verifica o contexto e a plausibilidade dessa interpretação e se esta for implausível tenta compreender através de pistas do meio qual foi a intenção e mensagem original que o interlocutor pretendeu transmitir com a pergunta.

Ainda no contexto deste teoria, Bobrow e Bell (1973) desenvolveram a Hipótese da lista de idiomas, que postula que os significado de cada idioma é armazenando numa lista e que a sua evocação só ocorre caso o significado literal seja considerado inapropriado em determinado contexto.

Contrariamente, Glucksberg, Gildea e Bookin (1982) através das suas experiências averiguaram que os indivíduos não têm a opção de ignorar o significado figurado e por isso concluíram que os dois tipos de significado são processados ao mesmo tempo. Esta perspectiva foi então denominada de hipótese paralela. Com base nesta perspectiva formulou-se a hipótese de supressão. De acordo com Gernsbacher e Robertson (1999) o processamento da compreensão de linguagem figurada é precedido pela supressão do significado literal. Os autores definem supressão como um mecanismo cognitivo generalizado que tem como objetivo atenuar a interferência causada pela ativação de informação inapropriada, irrelevante e não relacionada com o contexto. Assim o significado figurado das expressões, como metáforas, provérbios e idiomatas, é processado após a supressão do significado literal dos constituintes lexicais. De acordo com a hipótese paralela, as dificuldades emergem da incapacidade de suprimir o significado literal ou figurado dependente do contexto em que o provérbio é apresentado. Tendo em consideração a hipótese paralela e a de supressão Giora (1999) defende que, apesar do processamento dos dois tipos de significado ocorrer em paralelo, esse processamento é assimétrico, relativamente ao que é ativado ou suprimido. A autora defende que as interpretações que são independentes de um contexto específico são mais ativas e por outro lado as mais dependentes são mais suprimidas.

Ainda com base na perspectiva da hipótese paralela, Swinney e Cutler (1979) formularam a hipótese da representação lexical que postula que as expressões idiomáticas são representadas mentalmente como palavras longas e complexas. O acesso ao seu significado toma lugar ao mesmo tempo que é feito o processamento lexical da expressão (Thoma & Daum, 2006). Ainda na mesma linha, Cacciari e Tabossi (1988) desenvolveram a hipótese de configuração que defende que após uma análise da configuração de palavras, que constituem o idioma, e conseqüente reconhecimento da natureza idiomática/metafórica da expressão é processado o significado figurado da mesma.

Por outro lado, Gibbs e Beitel (1995) defendem a hipótese da metáfora conceptual, que prediz que o significado literal é completamente ultrapassado e que o significado figurado é acedido imediatamente. Os autores postulam que a compreensão de provérbios envolve o mapeamento da informação de uma fonte familiar de conceitos para domínios/conceitos alvo mais vagos.

Um outro grupo de teorias, nomeadamente a da relevância introduz a noção do princípio da relevância na comunicação. Esta teoria defende que quando dois indivíduos comunicam, estes têm que ir para além do significado literal e inferir qual o significado original que o interlocutor transmitiu. Assumindo que o que é comunicado ou implícito pode variar consideravelmente do que é literalmente dito (i.e. do conteúdo pragmático). Atribuindo uma maior importância ao contexto e à comunicação (Thoma & Daum, 2006).

Apesar das teorias e hipóteses relativas à compreensão de provérbios, revistas acima, Delis, Kaplan e Kramer (2001, citado por (Kaiser et al., 2013) apresentam no manual da sua bateria- *Delis-Kaplan Executive Function System (D-KEFS)* - o seguinte modelo que tem maior tradução com o racional e prática neuropsicológica.

Os autores defendem que o processo de interpretação de um provérbio contempla, pelo menos, duas fases, a fase denotativa e a fase conotativa. A primeira fase, denotativa, é relativa à compreensão das palavras que constituem o provérbio através do acesso ao conhecimento semântico. A segunda, conotativa, é relativa à formação de um princípio ou conceito abstrato baseado no significado das palavras. Para a compreensão é necessária a integração dos aspetos semânticos específicos do provérbio em apenas um princípio coerente que pode ser generalizado para muitas situações para além do exemplo concreto presente no provérbio. A primeira fase do processo de interpretação está mais dependente de funções como a atenção e a memória de trabalho e memória semântica, enquanto que a segunda está mais dependente de funções executivas como o pensamento abstrato verbal, a generalização, a inibição e de funções linguísticas, nomeadamente de compreensão do conteúdo lexical e produção para reportar uma resposta.

Correlatos Neurais

Na literatura existem muitos estudos de lesão, imagem e neurofisiológicos que pretendem identificar os substratos neurais e estabelecer a importância e contributo de determinadas estruturas e circuitos cerebrais para a interpretação de linguagem não literal (Gibbs & Beitel, 1995; Thoma & Daum, 2006). No entanto, aqueles que estudam especificamente provérbios são reduzidos (Rapp et al., 2012).

Relativamente à linguagem figurada, tradicionalmente o hemisfério esquerdo é visto como dominante na maioria dos processos que envolvem linguagem, sendo o direito

relacionado com o processamento da linguagem não literal. Esta assunção é corroborada por uma série de estudos com doentes com lesões unilaterais (Thoma & Daum, 2006; D. R. Van Lancker & Kempler, 1987). No estudo de Brownell, Simpson, Bihrlé, Potter e Gardner (1990) doentes com lesões do hemisfério direito escolheram mais vezes interpretações literais do que figuradas quando comparados com o grupo de controlo e com o grupo de doentes com lesões do hemisfério esquerdo. No entanto nem todos os estudos corroboram a noção de que os défices de processamento da linguagem não literal estão seletivamente associados com lesões do hemisfério direito. O estudo de Giora, Zaidel, Soroker, Batori e Kasher (1999) reporta que doentes com lesões do hemisfério esquerdo produzem mais erros quando lhes é pedido que oralmente expliquem o significado de uma metáfora. Outro estudo demonstrou que doentes afásicos com lesões frontais e/ou temporais esquerdas cometem mais erros numa tarefa de correspondência palavra-frase (em que uma das palavras reflete o significado figurativo da frase) e que também têm um maior número de erros de natureza semântica (Papagno, Tabossi, Colombo, & Zampetti, 2004). Thoma and Daum (2006) adiantam que uma possível explicação para o tipo de erros verificado poderá estar relacionada com défices nos mecanismos de inibição e/ou reconhecimento/ativação do significado figurado. No entanto não se pode excluir a afasia como um possível fator que contribui para os défices inesperados dos doentes com lesões do hemisfério esquerdo. Através de mecanismos de interrupção do discurso em tarefas de explicação oral ou dificuldades de compreensão semântica (Papagno et al., 2004).

Estudos com estimulação magnética transcraniana associam alterações do processamento de linguagem literal e não literal ao lobo temporal esquerdo, não sendo verificadas alterações utilizando o mesmo procedimento no direito. Concluindo-se que o córtex temporal esquerdo contribui para a compreensão quer de linguagem literal quer não-literal. Thoma and Daum (2006) concluem que a evidência resultante dos estudos de lesão é inconsistente, sugerindo que lesões em ambos os hemisférios afetam a compreensão de linguagem figurada.

Estudos com PET identificam estruturas no hemisfério esquerdo incluindo o córtex pré-frontal o córtex frontal basal, a circunvolução temporal inferior, o polo temporal o córtex parietal e o precuneus que contribuem para o processamento de linguagem não-literal. Foram ainda identificadas estruturas correspondentes às áreas de

Broca e Wernick no hemisfério direito. Ainda que estas últimas possam não estar diretamente relacionadas com o processamento de linguagem figurada, constatando-se uma ativação no processamento de conteúdo sintaticamente complexo e/ou semântico (Bottini et al., 1994; Thoma & Daum, 2006).

Outro estudo identificou ainda as circunvoluções frontal lateral inferior, temporal inferior e temporal posterior inferior esquerdas, concluindo que o hemisfério direito poderá contribuir para uma apreciação geral do conteúdo complexo semântico e estrutura sintática e que os lobos frontal e temporal esquerdo contribuem para a descodificação do significado de palavras em contexto metafórico (Rapp, Leube, Erb, Grodd, & Kircher, 2004).

Estudos de imagem corroboram a importância destas áreas para a linguagem figurada e evidenciam o papel direto do tálamo esquerdo no processamento de frases com conteúdo metafórico (Thoma & Daum, 2006).

Relativamente aos correlatos neurais do processamento e compreensão de provérbios, a maior parte da informação existente é resultado de estudos comportamentais e de lesão. Arroyo-Anllo and Botez-Marquard (1998) verificaram que doentes com atrofia olivo-ponto-cerebelar têm pior desempenho que o grupo de controlo numa prova de interpretação de provérbios. Cook, Murdoch, Cahill, and Whelan (2004) reportam os resultados idênticos no seu estudo com doentes com lesões cerebelares à esquerda. Concluindo-se que o cerebelo tem um papel importante no processamento de linguagem figurada.

Já o estudo de Van Lancker e colaboradores (2003) demonstra que doentes com agenesia do corpo caloso têm pior prestação no teste de provérbios de Gorham quando comparados com o grupo de controlo. Os autores apontam como possível causa para os défices a falta de comunicação inter-hemisférica que é importante para a integração de informação.

Outro estudo sugere que funções dependentes do lobo frontal como a memória de trabalho e a flexibilidade mental desempenham um papel importante na compreensão de provérbios. Défices nestas funções têm um impacto negativo na performance em provas de provérbios (Moran, Nippold, & Gillon, 2006; Qualls & Harris, 2003), assim como na compreensão de metáforas (Monetta & Pell, 2007). Já Kaiser et al. (2013) comparando um grupo com demência de Alzheimer e demência frontotemporal concluíram que os

últimos reportaram um maior número de respostas concretas numa prova de provérbios, correlacionando a performance com défices semânticos e com o volume do lobo temporal anterior, estrutura importante no processamento do conhecimento semântico.

Estudos com população normal envelhecida reforçam a relação entre défices nas funções executivas, resultantes do envelhecimento normal, e a capacidade de interpretação de provérbios, salientando a importância de estruturas corticais frontais e pré-frontais na capacidade de abstração (Uekermann, Thoma, & Daum, 2008; Wachholz & Yassuda, 2011).

Da literatura revista, o único estudo de imagem encontrado é um estudo coreano e como os autores salientam, o sistema sintático do dialeto difere dos outros. Foram utilizados três tipos de estímulo. Frases literais, provérbios opacos e provérbios transparentes. Os autores definem um provérbio transparente se o seu significado puder ser evocado através de uma imagem mental. Os resultados evidenciam uma ativação do hemisfério esquerdo, nomeadamente a circunvolução frontal inferior associada à compreensão de provérbios. Comparando provérbios transparentes com opacos, os autores reportam uma ativação do precuneus e circunvolução supramarginal direita associada aos provérbios opacos (Yi et al., 2017).

Avaliação Neuropsicológica e Formação de Conceitos

Lezak (2004) enquadra as provas de provérbios sob o termo formação de conceitos.

A formação de conceitos é a capacidade de categorização de estímulos em grupos significativos ou novos através da identificação de relações entre esses estímulos (Libon et al., 2012). Por outras palavras, é a capacidade de identificar e extrair as características comuns e pertinentes de objetos ou conceitos (Giovannetti et al., 2001). Permite ao indivíduo reagir de forma flexível às exigências do meio de forma a tomar decisões apropriadas e eficazes.

A formação de conceitos envolve um leque diverso de operações cognitivas como a seleção de conhecimento semântico relevante para a representação de princípios abstratos inerentes ao estímulo e a capacidade de gerar hipóteses. Implica também funções como: a atenção seletiva, necessária para atender às diferentes características do

estímulo e para alternar entre diferentes conceitos; a memória de trabalho, necessária para manter e permitir o acesso a diferentes e relevantes atributos do estímulo; e no geral as funções executivas, mais precisamente a inibição, de forma a inibir a interpretação literal e flexibilidade mental, de forma a mudar entre a interpretação literal e figurada consoante o contexto (Fine et al., 2009; Uekermann et al., 2008)

Quando existem lesões que provocam um déficit ao nível da formação de conceitos o pensamento pode ser alterado. Os indivíduos com esses défices revelam um tipo de pensamento óbvio, superficial e concreto, não demonstrado capacidade de abstração. Nesse sentido, não têm capacidade de fazer: generalizações; categorização; aplicação de princípios gerais ou regras procedimentais; distinção entre o que é irrelevante/essencial, apropriado/inapropriado. Quando não existe uma conceptualização abstrata o sujeito percebe cada evento como novo, isolado e com um conjunto de regras específico. Essa incapacidade tem consequências muito marcadas na tomada de decisão e na regulação comportamental (Lezak et al., 2004).

Provas de Formação de Conceitos

As provas de formação de conceitos diferem bastante de outro tipo de provas para avaliar outras funções. Estas focam-se na qualidade e no processo adjacente ao pensamento em vez do conteúdo da resposta. Nesse sentido, permitem avaliar a concretude ou abstração do pensamento. Algumas provas de outras funções cognitivas, nomeadamente as de funcionamento frontal como o planeamento, resolução de problemas e raciocínio não avaliam a formação de conceitos diretamente, mas providenciam alguma informação.

Este tipo de provas existem em dois formatos, o verbal e o não verbal. No formato verbal existem provas que se baseiam em frases complexas, como a prova dos provérbios, que serão revistas em maior detalhe mais abaixo, ou então em palavras, como a *prova da semelhanças de Wechsler*, que consiste em apresentar duas palavras que têm pelo menos um atributo comum e perguntar qual é a semelhança. Outra prova é o *teste de Stanford-Binet* que consiste em diferentes sub provas. As três primeiras são semelhantes à prova das semelhanças, variando no número de palavras a comparar de acordo com a idade. Algumas versões contêm ainda sub testes idênticos à prova das semelhanças, mas pedindo

as diferenças em vez das semelhanças. E as versões mais recentes contêm uma prova em que é perguntado o significado de uma palavra abstrata (e.g. generosidade).

No formato não verbal as provas mais comuns são as *Matrizes Progressivas de Raven* e o *Wisconsin Card Sorting Test* (Lezak et al., 2004).

Provas de Provérbios

Os provérbios refletem aspetos importantes da cognição e por isso têm sido utilizados na avaliação de funções cognitivas e do estado mental mais concretamente na avaliação da capacidade de abstração/formação de conceitos (Lezak et al., 2004; D. Van Lancker, 1990)

Desta forma, estão presentes em testes psicológicos e neuropsicológicos, na avaliação psiquiátrica e neurológica do estado mental e em baterias de avaliação da linguagem e funções executiva (Brundage & Brookshire, 1995; Davies & Piovesana, 2015; D. Van Lancker, 1990).

Consideradas um bom indicador de défices ao nível da formação de conceitos, são utilizadas na avaliação de diferentes populações clínicas como doentes com a doença de Alzheimer, Parkinson, esquizofrenia, autismo, afasia, doentes com lesão do lobo frontal e com agenesia do corpo caloso. (Lezak 2004, Murphy, Shallice et al. 2013).

No contexto neuropsicológico, as provas de interpretação de provérbios avaliam a capacidade de interpretação de provérbios de forma abstrata ou metafórica em oposição a uma interpretação concreta. Desta forma, o significado do provérbio tem que ser generalizado para mais cenários além daqueles que são refletidos literalmente no próprio (Murphy et al., 2013). Ou seja, é pedido ao intérprete que processe e reporte o significado não literal do provérbio através da sua capacidade de abstração em detrimento de processamento meramente pragmático, avaliado noutras provas de linguagem que não recorrem à sua vertente figurada.

Nas provas de provérbios existem dois principais métodos para reportar as respostas, os de resposta aberta em que a pessoa pode responder livremente, e os de escolha múltipla. Nas provas de escolha múltipla existem quatro opções de resposta, sendo uma delas a que mais se adequa ao significado abstrato do provérbio entre as restantes está uma que corresponde a uma interpretação literal, uma que não está

relacionada com o significado do provérbio e uma intermédia que demonstra algum grau de abstração mas sem atingir a totalidade do significado abstrato.

Existem vários sistemas de cotação para as provas de resposta aberta. É atribuído um determinado número de pontos consoante o tipo de resposta dada. Quanto mais perto do significado abstrato se aproximar a resposta, melhor pontuação será atribuída. A ausência de resposta ou a uma resposta que não vai ao encontro do significado do provérbio é habitualmente pontuada com zero pontos (Hertler, Chapman, & Chapman, 1978; Lezak et al., 2004).

O sistema mais comum é o de três pontos. Para uma resposta sem referência ao significado do provérbio são atribuídos zero pontos, para uma interpretação concreta é atribuído um ponto e para uma interpretação abstrata são atribuídos dois pontos (Lezak et al., 2004; Strauss, Sherman, & Spreen, 2006; Wechsler, 1997).

No entanto é possível fazer uma análise mais qualitativa das respostas considerando o tipo de erros e a sua natureza, de forma, em caso de défice, a averiguar onde este se situa, se na compreensão do material lexical se na própria capacidade de abstração (Davies & Piovesana, 2015).

As principais provas de provérbios são o Teste de Provérbios (Gorham, 1956) que tem versões quer em formato de resposta aberta quer em formato de escolha múltipla, adotando um sistema de cotação de três pontos e certo/errado, respetivamente. O Teste de Provérbios Califórnia, que também contém versões de resposta aberta e escolha múltipla, adotando um sistema de cotação de sete pontos (CPT, (D. Delis, Kramer, & Kaplan, 1984). Este teste passou a integrar o D-KEFS (D. C. Delis, Kaplan, & Kramer, 2001), mantendo os mesmo estímulos, formatos e cotações.

Familiaridade na Interpretação de provérbios

Uma das variáveis mais importantes relativas ao uso de provérbios é a familiaridade da pessoa ao provérbio pois esta pode influenciar bastante o resultado da prova de interpretação. Algumas gerações atrás o uso de provérbios era muito frequente, por isso as pessoas mais velhas terão uma maior familiaridade com os provérbios (Brown & Wright-Harp, 2011; Uekermann et al., 2008), reduzindo o grau de dificuldade da interpretação e fornecendo pistas contextuais para a sua interpretação, pois o individuo

tem tendência a evocar situações quotidianas em que o significado figurado do provérbio pode ser aplicado (D. Van Lancker, 1990). Desta forma os resultados da prova de interpretação podem não ser um indicador de abstração pois a resposta poderá não ser uma interpretação, mas uma possível reprodução do significado do provérbio. Por outro lado, em populações mais jovens esse efeito pode não se verificar devido à baixa familiaridade com os provérbios. Assim, o grau de dificuldade na interpretação de um provérbio varia de acordo com a sua familiaridade (Lezak et al., 2004; D. Van Lancker, 1990).

Muitos autores sugerem que para a avaliação psicológica e neuropsicológica só devem ser utilizados provérbios pouco familiares (Gibbs & Beitel, 1995). Por outro lado Van Lancker (1990) defende que cada provérbio tem um significado convencional. E que os indivíduos que interpretam provérbios não familiares não atingem um consenso quanto ao significado, isso só se verifica com provérbios familiares. Tentativas de interpretação de provérbios não familiares, nomeadamente provérbios traduzidos, resultam num conjunto de respostas que não refletem o significado original, sendo impossível estimar o grau de abstração das diferentes respostas fornecidas. Assim a autora defende que ao interpretar um provérbio é necessário que o significado convencional esteja internalizado- familiaridade- para que seja possível a interpretação, que já requer inferência, processamento verbal e no fundo capacidade de abstração. Assim é de extrema importância averiguar não só a familiaridade de cada provérbio utilizado na avaliação neuropsicológica, mas também o seu significado convencional para um determinado grupo, neste caso a população portuguesa. De forma a ser possível uma comparação entre o significado reportado pelo doente e o significado do provérbio, não importando que não seja o significado original do provérbio mas sim que esteja estabelecido por convenção na população a que o doente pertence.

Idade e Escolaridade na Interpretação de provérbios

Relativamente à escolaridade, estudos como o de Penn, Jacob, and Brown (1988), Nippold, Uhden, and Schwarz (1997), Uekermann et al. (2008) e Wachholz and Yassuda (2011) sugerem que o número de anos de escolaridade é um preditor significativo da capacidade de compreensão e interpretação de provérbios. Os resultados de Nippold et

al. (1997) sugerem que essas diferenças são observáveis independentemente da idade pois os indivíduos adultos com mais anos de escolaridade tiveram uma melhor performance na prova utilizada que os indivíduos com menos anos em todos os grupos etários. Wachholz & Yassuda (2011) apontam como possível explicação o efeito da escolaridade no funcionamento executivo e conseqüentemente no pensamento abstrato.

Relativamente à idade, o estudo de Nippold et al. (1997) estudaram uma amostra composta por oito grupos etários diferentes, dos treze aos setenta e nove, e concluíram que a capacidade de interpretação de provérbios aumenta dramaticamente durante a adolescência e primeiros anos da vida adulta, atingindo uma pico por volta dos vinte anos, mantendo-se estável dos trinta aos cinquenta anos, começando a declinar ligeiramente por volta dos sessenta anos e piorando aos setenta. Estes resultados são congruentes com a hipótese do envelhecimento frontal que sugere que o córtex pré frontal é particularmente sensível aos efeitos do envelhecimento normal, estando associados défices ao nível das funções executivas. Esses défices são mais evidentes a partir dos setenta anos (Uekermann et al., 2008). Estes resultados estão de acordo com estudos anteriores (Albert, Wolfe, & Lafleche, 1990; Penn et al., 1988).

Provérbios no Contexto de Avaliação Neuropsicológica Português

Os provérbios estão presentes em algumas provas traduzidas para português. Entre elas, o subteste de abstração verbal da Bateria de Avaliação da Afasia de Lisboa (Damásio, 1973) que contém três provérbios, o subteste de abstração verbal do Teste de Barcelona (Peña-Casanova, 1991), que contém dois provérbios e expressões idiomáticas e o sub teste de compreensão verbal da Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos III (Wechsler, 1997), que contém dois provérbios.

Com o passar do tempo as gerações vão mudando e a familiaridade aos provérbios também, por isso torna-se necessário verificar se os provérbios inseridos nessa provas não são muito familiares para os idosos nem para os jovens, ou se por outro lado a familiaridade é tão reduzida que impossibilita a interpretação devido à descontextualização do conteúdo do provérbio ou até mesmo devido à linguagem desatualizada. Não foi encontrado nenhum trabalho publicado que estude os efeitos da familiaridade, idade e escolaridade na compreensão de provérbios, em Portugal. E no

geral, não se encontram trabalhos que estudem as capacidades de abstração de jovens com baixa escolaridade e com um percurso de ensino diferente do regular. Nesse sentido o presente trabalho propõem-se a estudar o papel das variáveis supracitadas na população portuguesa. Outra das componentes do presente estudo é a caracterização de material que possibilitará a seleção do mesmo para uma nova prova de provérbios. As informações recolhidas relativas ao impacto da idade e escolaridade poderão providenciar dados importantes no processo no processo de seleção de provérbios para uma nova prova, podendo até ser justificável diferentes versões da mesma para diferentes idades, consoante os resultados obtidos.

A construção de um prova só de provérbios que possua dados normativos para a população pode auxiliar: a avaliação neuropsicológica quando esta carece de um nível de detalhe superior ao que as baterias podem oferecer; uma prova adequada para jovens visto que segundo a literatura têm menor familiaridade enviesando o grau de dificuldade; e o exame do estado mental, em que por vezes são utilizados provérbios de forma arbitrária e que conseqüentemente a sua interpretação possa ser um indicador erróneo da capacidade de pensamento abstrato.

CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo tem como objetivos e hipóteses:

Objetivo 1: Compreender o papel da familiaridade na capacidade de interpretação de provérbios.

Hipótese 1: Quanto maior o grau de familiaridade atribuído a um provérbio melhor o desempenho na interpretação.

Objetivo 2: Compreender o efeito da idade e da escolaridade na familiaridade e na interpretação de provérbios.

Hipótese 1: Indivíduos mais velhos atribuem um maior grau de familiaridade que os mais novos.

Hipótese 2: Indivíduos mais novos e com maior escolaridade têm melhor desempenho na interpretação dos provérbios.

Objetivo 3: Caracterizar um conjunto de provérbios do ponto de vista da familiaridade e dificuldade de interpretação de forma a que possam ser selecionados e utilizados posteriormente na construção de um instrumento de avaliação.

METODOLOGIA

Amostra

A dimensão da amostra é de 60 participantes, 28 (46.7%) do sexo masculino e 32 (53.3%) do sexo feminino. Os participantes têm idades compreendidas entre os 19 e os 78 anos de idade (M= 44.50 e DP= 21.68). Relativamente à escolaridade, o número de anos de ensino formal varia entre 3 e 19 (M=11.13 e DP=4.83).

A amostra está dividida em quatro grupos cada um com 15 participantes, de acordo com a idade e número de anos de escolaridade. Os Idosos têm idades compreendidas entre os 60 e os 80 anos e os Jovens entre os 19 e os 30.

O primeiro grupo, Idosos com alta escolaridade, é composto por indivíduos em que o número de anos de escolaridade varia entre os 11 e os 19 anos. O segundo, Idosos com baixa escolaridade, é composto por indivíduos em que o número de anos de escolaridade varia entre os 3 e os 6 anos. Estes grupos são constituídos por indivíduos ativos e independentes com uma ocupação de natureza laboral e/ou que frequentam uma universidade sénior ou semelhante.

O terceiro grupo, Jovens com alta escolaridade, é composto por indivíduos em que o número de anos de escolaridade varia entre os 12 e os 18 anos. O último grupo, Jovens com baixa escolaridade, é composto por indivíduos em que o número de anos de escolaridade varia entre os 8 e os 11 anos.

Os participantes deste último grupo frequentam os Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA) para conclusão do 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário (dupla certificação – escolar e profissional) numa Escola Secundária.

O recrutamento dos participantes pertencentes aos dois grupos de Idosos e de Jovens com alta escolaridade foi feito através do método *snowball*, e os do grupo dos Jovens com baixa escolaridade foi realizado através da direção da escola e da professora responsável pelos cursos EFA e direção da escola.

Relativamente à origem da amostra, os participantes são provenientes da região centro-sul de Portugal.

Informação adicional relativa à análise descritiva das variáveis pode ser consultada nas tabelas em anexo (Anexo A).

O método de amostragem utilizado foi não probabilístico e de conveniência e o único critério de exclusão utilizado foi a existência de antecedentes pessoais de doenças neurológicas e/ou psiquiátricas.

Instrumento e Cotação

Foi criado um instrumento (Anexo B) que se divide em duas partes. A primeira relativa aos dados sócio demográficos – nome, idade, número de anos de escolaridade completados e profissão. A segunda consiste numa lista de 38 provérbios. Os provérbios reunidos têm a seguinte origem: 7 foram retirados das seguintes provas de avaliação neuropsicológica: 3 (item 1, 4 e 7) da Bateria de Avaliação da Afasia de Lisboa (Caldas, 1979; Damásio, 1973); 2 (item 20 e 21) do Programa Integrado de Exploração Neuropsicológica – Teste de Barcelona (Peña-Casanova, 1991); 2 (item 13 e 19) do subteste de compreensão verbal da Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos III (Wechsler, 1997); os restantes 31 itens foram retirados de um dicionário de provérbios (21 itens, (Moreira dos Santos, 2000) e de um livro sobre o tema (10 itens, (Rolland, 1841).

Para cada provérbio foi avaliada a familiaridade e o significado. Para o significado registou-se a resposta de cada participante à qual foi posteriormente atribuída uma pontuação. Foi adotado uma adaptação do sistema de cotação do subteste de compreensão verbal da WAIS III (Wechsler, 1997) que atribui: 0 pontos na ausência de uma resposta ou a uma interpretação que não esteja relacionada com o significado do provérbio; 1 ponto para uma interpretação literal ou para o fornecimento de um provérbio com um significado equivalente; 2 pontos para uma interpretação abstrata e generalizada da ideia principal do provérbio. Por exemplo, para o provérbio “ Que nunca se diga- Desta água não beberei” seriam atribuídos: 2 pontos à resposta “A ações e decisões tomadas num determinado momento e contexto podem ser diferentes noutra contexto”; 1 ponto para “Nunca devemos dizer que nunca iremos fazer algo”; e 0 pontos para “Todos estamos sujeitos a fazer os mesmos erros”. A familiaridade foi medida através de uma escala tipo Likert de 7 pontos em que 7 corresponde a muito familiar e 1 a pouco familiar.

Como indicador da fiabilidade do instrumento com os provérbios foi utilizado o alfa de Cronbach para avaliar a consistência interna do significado, tendo-se obtido um

valor de .89. O valor não seria significativamente alterado caso fosse retirado qualquer item (Anexo C).

Procedimento Metodológico

A aplicação do instrumento foi feita individualmente. Antes de se iniciar a recolha dos dados cada participante assinou um consentimento informado (Anexo D) onde foi explicado o objetivo do estudo e assegurada a confidencialidade dos dados.

Após a recolha dos dados sócio demográficos foi dada a seguinte explicação e instrução: “Os provérbios diferem relativamente à sua familiaridade, ou seja, o quão comuns, frequentes ou familiares parecem ser. Alguns provérbios são muito familiares enquanto que outros são quase totalmente desconhecidos. De seguida, será apresentada uma lista de provérbios. A sua tarefa é dizer o que cada provérbio significa, ou em que situação é normalmente utilizado. Depois têm que classificar cada provérbio relativamente a quão familiar ou comum ele é para si, ou seja, a sua familiaridade. Aos provérbios que lhe pareçam mais familiares ou comuns deve dar uma maior classificação (no extremo superior da escala numérica). Aos provérbios que lhe pareçam não familiares ou que sejam desconhecidos para si deve dar uma menor classificação (no extremo inferior da escala numérica). A sua classificação será feita numa escala de 7 pontos. Pode usar a escala inteira de números, do 1 ao 7. Não se preocupe com a frequência com que usa um determinado número desde que este corresponda ao seu julgamento sincero e verdadeiro”.

Operacionalização de Variáveis

Relativamente à computação das variáveis, os dados referentes quer à idade quer à escolaridade foram agrupados em dois grupos – jovens/idosos e alta/baixa. Foram ainda criadas duas variáveis dependentes denominadas familiaridade e significado através da soma dos scores da atribuição de familiaridade e pontuação obtida na interpretação de cada provérbio, respetivamente.

Procedimento Estatístico

Toda a análise estatística foi feita através software SPSS Statistics versão 24.0 e foi utilizado um nível de significância inferior ou igual a 0.05 ($p \leq .05$) com exceção ao teste M de Box em que foi utilizado um nível inferior ou igual a 0.001 ($p \leq .001$) como sugerido por Hahs-Vaughn (2016, p. 42).

De forma a testar a hipótese relativa ao primeiro objetivo, compreender o papel da familiaridade na capacidade de interpretação de provérbios, foi realizada uma correlação de Pearson entre as variáveis significado e familiaridade.

Para testagem das hipóteses referentes ao segundo objetivo, compreender o efeito da idade e da escolaridade na familiaridade e capacidade de interpretação dos provérbios, foi realizada uma análise de variâncias multivariada (MANOVA) com a idade e a escolaridade como variáveis independentes e a familiaridade e significado como variáveis dependentes.

Relativamente aos pressupostos para o uso de estatística paramétrica, observou-se uma distribuição normal dos dados, em todos os grupos das variáveis dependentes. Verificou-se ainda uma violação ao pressuposto da homogeneidade de variâncias na variável significado, que é pouco severa (Maroco, 2007, pp. 137-139), assegurando a robustez do teste escolhido. Quanto aos pressupostos da MANOVA em particular, foi utilizada a correlação do objetivo anterior que assegura o pressuposto da não multicolinearidade. Adicionalmente foi testada a igualdade das matrizes das covariâncias através do teste M de Box que se considerou não significativo e, portanto, não violando o pressuposto.

Uma vez que verificou um efeito significativo da interação das variáveis idade e escolaridade no significado e na familiaridade, posteriormente, foi realizado o teste post-hoc de Bonferroni de forma a clarificar as diferenças entre os grupos.

Informação adicional sobre os testes conduzidos para averiguação dos pressupostos pode ser consultada em anexo (Anexo E).

Relativamente ao terceiro objetivo, que consiste em caracterizar o conjunto de provérbios do ponto de vista da familiaridade e dificuldade de interpretação, foi realizado o teste de Qui-Quadrado para Homogeneidade com a idade como variável independente e o significado e familiaridade como dependentes. O tratamento estatístico

tem como objetivo averiguar, para cada provérbio, se as distribuições das variáveis dependentes são semelhantes ou diferentes entre os dois grupos etários. O teste pressupõe que para cada célula da tabela da contingência a frequência esperada seja igual ou superior a cinco. Devido ao tamanho da amostra e natureza extremada dos dados o pressuposto não é verificado, por isso o valor-p utilizado não foi calculado através do método assintótico mas sim pelo método exato como sugerido por Mehta e Patel (2010).

RESULTADOS

Para testar a hipótese do primeiro objetivo, compreender a relação entre a familiaridade e o significado, foi realizada uma correlação de Pearson entre as variáveis, que revelou uma correlação positiva e moderada ($r=.30$, $p=.018$). A percentagem de variância explicada pela relação entre as duas variáveis foi de 9.3% ($r^2=.093$).

Para testar as duas hipóteses do segundo objetivo, compreender o efeito da idade e da escolaridade na familiaridade e no significado, foi realizada uma análise multivariada de variâncias (MANOVA) com a idade e a escolaridade como variáveis independentes e a familiaridade e significado como variáveis dependentes (Anexo F).

O traço de Pillai revela um efeito significativo da idade [$V=0.27$, $F(2,55) = 10.13$; $p < .001$; $\eta^2 = .27$] e escolaridade [$V=0.44$, $F(2,55) = 21.86$; $p < .001$; $\eta^2 = .44$] na familiaridade e no significado. O efeito de interação das duas variáveis também é significativo [$V=0.42$, $F(2,55) = 20.33$; $p < .001$; $\eta^2 = .43$].

ANOVAs univariadas para cada variável dependente demonstram os seguintes efeitos significativos:

Da idade na familiaridade [$F(1,56) = 20.07$; $p < .001$; $\eta^2 = .26$], os idosos ($M=183.47$ e $DP=12.99$) atribuem maior score de familiaridade que os jovens ($M=162.83$ e $DP=24.17$).

Da escolaridade no significado [$F(1,56) = 42.10$; $p < .001$; $\eta^2 = .43$], indivíduos com alta escolaridade ($M=53.03$ e $DP=8.95$) tem melhor performance na interpretação do que os com baixa ($M=39.53$ e $DP=10.88$).

Da interação da idade e escolaridade no significado [$F(1,56) = 31.98$; $p < .001$; $\eta^2 = .36$] e na familiaridade [$F(1,56) = 9.91$; $p = .003$; $\eta^2 = .15$]. O teste post-hoc de comparação múltipla de médias (Anexo G) revelou, relativamente ao significado, diferenças significativas entre todos os grupos exceto entre os idosos com baixa e alta escolaridade. Tendo em consideração a figura 1 conclui-se que os jovens com alta escolaridade ($M=58.07$ e $DP=7.96$) tiveram melhor performance que os idosos, quer de alta ($M=48$ e $DP=6.94$) quer de baixa ($M=46.27$ e $DP=5.15$), que por sua vez tiveram melhor performance que os jovens de baixa escolaridade ($M=32.80$ e $DP=11.03$).

Figura 1 - Médias da variável significado para cada subgrupo da variável idade.

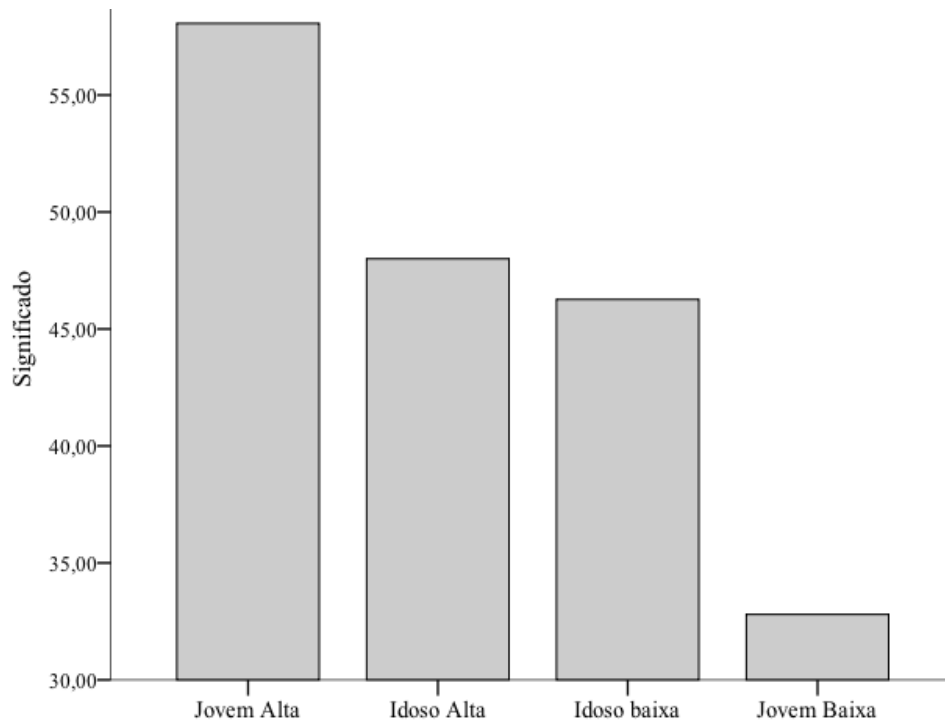
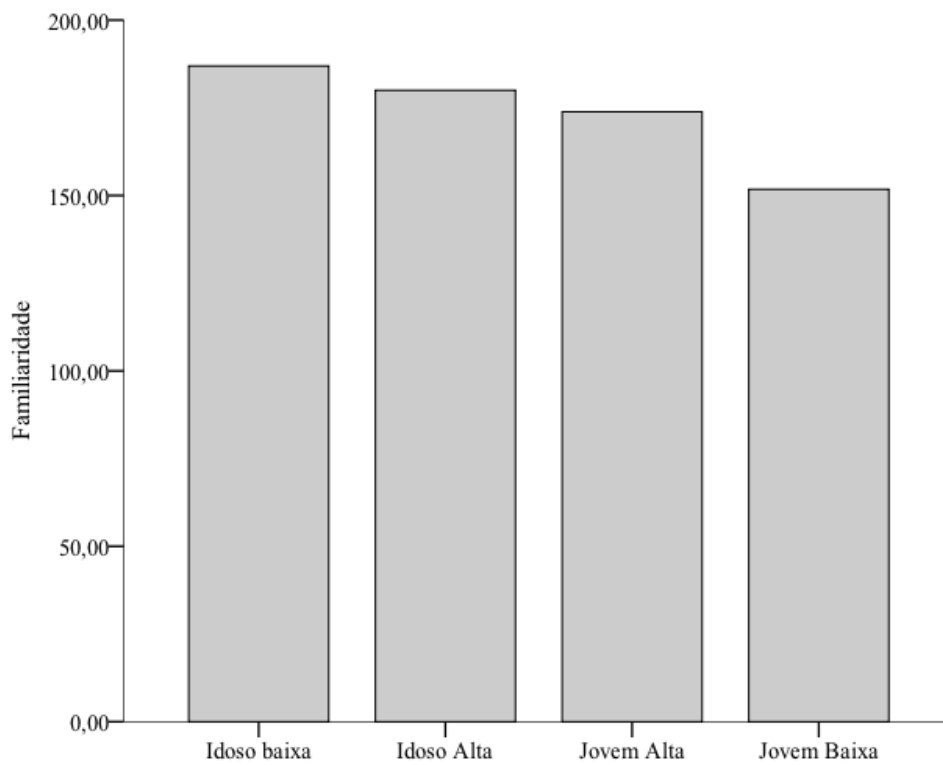


Figura 2 - Médias da variável familiaridade para cada subgrupo da variável idade.



No que diz respeito à familiaridade verificaram-se diferenças entre os jovens de baixa escolaridade e os restantes grupos. Tendo em consideração a figura 2 conclui-se que os jovens com baixa escolaridade (M=151.80 e DP=26.61) atribuíram menores valores de familiaridade que os jovens com alta escolaridade (M=173.87 e DP=15.52) e que os idosos, quer de alta (M=180 e DP=12) quer de baixa (M=186.93 e DP=13.41) escolaridade.

Relativamente ao terceiro objetivo, caracterizar o conjunto de provérbios do ponto de vista da familiaridade e dificuldade de interpretação, foi realizado o teste de Qui-Quadrado para Homogeneidade (Anexo H). As variáveis utilizadas foram a idade, composta por dois subgrupos, jovens e idosos, e separadamente a familiaridade atribuída e pontuação obtida para cada provérbio. O teste demonstrou diferenças significativas na distribuição da atribuição de familiaridade e interpretação entre os dois grupos nos provérbios presentes na tabela 1 e 2.

Tabela 1- Provérbios com associação significativa entre familiaridade e a idade (n=60).

Provérbio	Familiaridade		
	χ^2	Gl	p
4	22.55 ^a	6	<.001
5	9.95 ^a	5	.02
7	16.53 ^a	5	<.001
9	7.24 ^a	3	.04
11	9.33 ^a	6	.04
13	13.94 ^a	6	<.001
16	13.27 ^a	5	<.001
20	18.15 ^a	5	<.001
21	11.07 ^a	4	.02
30	17.93 ^a	6	<.001
34	13.94 ^a	5	<.001
35	21.34 ^a	6	<.001

χ^2 : estatística qui-quadrado; gl, graus de liberdade; p, valor p

^a existe pelo menos uma célula com uma contagem esperada inferior a 5.

Tabela 2- Provérbios com associação significativa entre significado e a idade (n=60).

Provérbio	Significado		
	χ^2	Gf	p
5	8.33 ^a	6	.01
10	7.92 ^a	5	.01
23	24.90 ^a	5	<.001
24	10.19 ^a	3	<.001
28	9.75 ^a	6	<.001
33	7.20 ^a	6	.03
35	5.95 ^a	5	.04

χ^2 : estatística qui-quadrado; gf, graus de liberdade; p, valor p

^a existe pelo menos uma célula com uma contagem esperada inferior a 5.

DISCUSSÃO

O presente estudo tinha como objetivos: compreender o papel da familiaridade na capacidade de interpretação de provérbios; compreender o efeito da idade e escolaridade na familiaridade e capacidade de interpretação; e caracterizar o conjunto de provérbios quanto à sua familiaridade e dificuldade para posterior seleção e uso na construção de um instrumento de avaliação.

Relativamente ao primeiro objetivo, os resultados não refutam a hipótese proposta, quanto maior o grau de familiaridade atribuído melhor a performance na interpretação. Indo ao encontro de resultados de estudos anteriores, que concluem que provérbios familiares são mais fáceis de interpretar (Cunningham, Ridley, & Campbell, 1987; Nippold & Haq, 1996; Nippold et al., 1997; Penn et al., 1988). Uma possível explicação proposta por Van Lancker (1990) sugere que ao interpretar um provérbio familiar o sujeito dá uma resposta previamente aprendida. Já ao interpretar um não familiar é necessária a construção de um novo significado não literal estando esta dependente de processos extensos de associação semântica envolvendo o acesso ao conhecimento geral do meio (Rapp & Wild, 2011) e por isso à capacidade de abstração.

No que diz respeito ao segundo objetivo, os resultados não refutam as duas hipóteses propostas. Os indivíduos mais velhos atribuem maior familiaridade que os mais novos. Esta observação vai ao encontro de resultados obtidos em estudos anteriores e em que os participantes foram distribuídos por grupos com intervalos de idade semelhantes aos do presente estudo (Brown & Wright-Harp, 2011; Uekermann et al., 2008). Adicionalmente verificaram-se diferenças entre os jovens de baixa escolaridade e os restantes grupos, não tendo sido encontrados, na literatura consultada, estudos com este tipo de grupo. No entanto esta diferença pode ser explicada tendo em consideração o efeito de interação entre idade e escolaridade. Nippold e Harq (1996) referem que para o estudo da familiaridade não é apenas necessário ter em consideração a idade mas também o número de anos de escolaridade pois podem aumentar a exposição a provérbios tornando-os mais familiares. Apesar de não terem sido considerados neste estudo, entre os fatores, que possam contribuir para uma possível explicação das diferenças observadas, encontram-se o meio social e cultural que poderá ter impacto na exposição e regularidade no uso de provérbios.

Relativamente à segunda hipótese, verifica-se que os indivíduos mais novos e com mais anos de escolaridade têm melhor desempenho na interpretação. Este resultado é corroborado por estudos anteriores (Albert et al., 1990; Nippold et al., 1997; Penn et al., 1988). Nippold e Haq (1997) estudaram uma amostra composta por 8 grupos etários diferentes, dos 13 aos 79, e concluíram que a capacidade de interpretação de provérbios aumenta dramaticamente durante a adolescência e primeiros anos da vida adulta, atingindo um pico por volta dos 20 anos e mantendo-se estável dos 30 aos 50 anos. Começando a declinar ligeiramente por volta dos 60 anos piorando e aos 70. Os autores concluíram ainda que todos adultos que completaram mais anos de escolaridade tiveram melhor performance que os com menos anos. Resultados congruentes com os obtidos por Penn et al. (1988) que utilizaram uma amostra com características idênticas ao estudo de Nippold et al. (1997).

Não se verificaram diferenças no desempenho entre os idosos de alta e baixa escolaridade, no entanto estes obtiveram melhor pontuação que os jovens de baixa escolaridade. Seria expectável observar diferenças entre os idosos resultantes da diferença de anos de escolaridade, como no estudo de Wachholz e Yassuda (2011), realizado com idosos entre os 60 e os 75 anos divididos em 3 grupos (1-4; 5-8; ≤ 9 anos de escolaridade), em que foram observadas diferenças entre os grupos. Esta divergência de resultados pode ser explicada pela familiaridade. Como visto anteriormente, os mais velhos, independentemente do número de anos de escolaridade, reportaram maior familiaridade que potencialmente poderá ter reduzido o grau de dificuldade de interpretação permitindo aos idosos com baixa escolaridade ter uma performance semelhante aos de alta. Os jovens de baixa escolaridade foram o grupo que atribuiu menores valores de familiaridade, que em conjunto com a baixa escolaridade podem ter contribuído para o aumento do grau de dificuldade da prova, sugerindo que o efeito da familiaridade e escolaridade se sobrepõem ao da idade.

Apesar de não ter sido formalmente abordada a qualidade e linguagem empregue na resposta, é possível que o grupo dos jovens com baixa escolaridade seja o que exiba menor variabilidade lexical e por isso maior dificuldade em fornecer e reportar uma resposta concisa. Piores respostas neste grupo foram por vezes caracterizadas pelo uso de termos vagos e pouco específicos. É de salientar que os estudos referidos na presente secção adotam metodologias diferentes no que diz respeito ao formato de resposta (aberta

e escolha múltipla), contextualização do provérbio (fornecer uma situação do quotidiano relacionada com o provérbio), classificação do provérbio (mais concreto ou abstrato), controlo da linguagem presente no provérbio (frequência de uso). Apesar destas diferenças metodológicas os efeitos da idade, escolaridade e familiaridade foram constantes.

Relativamente ao terceiro objetivo, caracterização do grupo de provérbios, dos 38 provérbios, só em 12 se encontraram diferenças significativas na atribuição de familiaridade e só em 7 se encontraram diferenças significativas no significado entre os jovens e os idosos. Concluindo-se que, tendo em consideração exclusivamente a idade, para a maioria dos provérbios os jovens não atribuem valores diferentes de familiaridade que os idosos e que o seu desempenho também não é distinto.

Uma das limitações do presente trabalho foi a falta de controlo de variáveis socio demográficas. Brown & Wright-Harp (2011) salientam a importância do meio cultural e Nippold e colegas (1997) sugerem que fatores como a vocação profissional ou *hobbies* (falar em publico ou hábitos de leitura) podem ter um impacto na qualidade da resposta dada. Penn e colegas (1988) reportaram ainda um efeito significativo da perceção do status socioeconómico durante a infância.

Outra limitação está relacionada com a seleção dos jovens com baixa escolaridade, apesar de terem sido empregues alguns critérios de seleção, seria desejável um estudo mais aprofundado do percurso escolar destes indivíduos, uma vez que o seu percurso não é regular diferindo do dos restantes participantes. Sendo necessário olhar para os resultados que incluem comparações entre grupos com mais restrições.

Uma outra limitação é a ausência de dados sobre o nível cognitivo geral e a exclusão de casos de deterioração cognitiva de entre os participantes mais velhos obtidos através de uma medida de inteligência geral e um instrumento de triagem de deterioração cognitiva, respetivamente.

A metodologia utilizada para estimar a familiaridade e o método de aplicação presencial e individual poderão ter contribuído para um efeito de desejabilidade social que poderá enviesar a medição da mesma. O uso de uma escala tipo-likert de sete pontos para medição da familiaridade tinha como objetivo possibilitar a sua mensuração num contínuo. No entanto verificou-se que as atribuições de familiaridade foram muito extremadas, sugerindo que os dados recolhidos vão mais ao encontro do conceito de

reconhecimento do que de familiaridade. Este efeito pode ser explicado tendo em consideração a deseabilidade social, se o participante perceber que um determinado provérbio é muito frequente no seu contexto cultural mesmo que não lhe seja muito familiar, possivelmente tenderá a atribuir a maior pontuação.

De futuro será necessário aprofundar o estudo da familiaridade e sua modelação do grau de dificuldade de forma a perceber se os idosos com baixa escolaridade obtêm scores idênticos aos dos de alta mesmo com o uso de provérbios menos familiares. Também seria importante esclarecer o papel da escolaridade nos jovens de baixa escolaridade utilizando provérbios mais familiares de forma a compreender se as dificuldades de interpretação advêm da baixa familiaridade ou da baixa escolaridade, sendo o percurso académico dos mesmos tido em conta, bem como o seu nível cognitivo. É ainda necessário realizar o estudo destas variáveis e das suas relações junto de populações clínicas e concomitantemente fazer uma análise de natureza qualitativa das respostas obtidas e também dos tipos de erros das mesmas. Este estudo poderia oferecer dados importantes que auxiliem a construção de uma prova de provérbios e os próprios métodos de avaliação neuropsicológica.

Por outro lado, também seria interessante relacionar outros fatores como outras funções cognitivas, capacidades linguísticas e estilo de vida (profissão, *hobbies*, *background* cultural e linguístico).

Relativamente à construção de um instrumento de avaliação com base nos provérbios utilizados, conclui-se que é de extrema importância averiguar a familiaridade do provérbio antes de ser pedida uma interpretação. Uma vez que um mau desempenho numa prova de interpretação de provérbios poderá corresponder não a défices na capacidade de abstração, mas sim à falta de familiaridade com os provérbios. Cunningham e colegas (1987) defendem que uma prova só deverá conter provérbios pouco ou nada familiares. Sendo esta questão ainda mais importante quando são utilizados poucos provérbios- Perante este cenário os autores defendem que é preferível pedir primeiro ao indivíduo que classifique os provérbios pelo seu grau de familiaridade, sendo pedida a interpretação dos pouco familiares. Por outro lado Van Lancker (1990) defende que cada provérbio tem um significado convencional. E que os indivíduos que interpretam provérbios não familiares não atingem um consenso quanto ao significado, isso só se verifica com provérbios familiares. Tentativas de interpretação de provérbios

não familiares, nomeadamente provérbios traduzidos, resultam num conjunto de respostas que não refletem o significado original, sendo impossível estimar o grau de abstração das diferentes respostas fornecidas. Assim a autora defende que ao interpretar um provérbio é necessário que o significado convencional esteja internalizado- familiaridade- para que seja possível a interpretação, que já requer inferência, processamento verbal e no fundo capacidade de abstração.

Idealmente a prova deve conter um conjunto de provérbios com diferentes níveis de familiaridade para que seja possível: balancear a dificuldade da prova; controlar o efeito modelador da familiaridade na interpretação, de forma a não enviesar a avaliação da capacidade de abstração; não serem utilizados provérbios que não possuam um significado convencional na população. As diferenças entre jovens e idosos, ainda que moderadas, na atribuição de familiaridade em alguns provérbios poderá até justificar a existência de diferentes versões da prova para cada grupo para que exista um melhor controlo da variável.

Sumarizando, o presente estudo verifica os efeitos, previamente estudados na literatura, da idade, escolaridade e familiaridade na interpretação de provérbios para a população portuguesa e oferece alguns indicadores para a eventual seleção dos mesmos para uma prova de avaliação.

REFERÊNCIAS

- Albert, M. S., Wolfe, J., & Lafleche, G. (1990). Differences in abstraction ability with age. *Psychology and aging*, 5(1), 94.
- Arroyo-Anllo, E., & Botez-Marquard, T. (1998). Neurobehavioral dimensions of olivopontocerebellar atrophy. *Journal of clinical and experimental neuropsychology*, 20(1), 52-59.
- Bobrow, S. A., & Bell, S. M. (1973). On catching on to idiomatic expressions. *Memory & Cognition*, 1(3), 343-346.
- Bottini, G., Corcoran, R., Sterzi, R., Paulesu, E., Schenone, P., Scarpa, P., . . . Frith, D. (1994). The role of the right hemisphere in the interpretation of figurative aspects of language A positron emission tomography activation study. *Brain*, 117(6), 1241-1253.
- Brown, J. E., & Wright-Harp, W. Y. (2011). Cultural and generational factors influencing proverb recognition. *Contemporary Issues in Communication Science and Disorders*, 38, 26.
- Brownell, H. H., Simpson, T. L., Bihrlé, A. M., Potter, H. H., & Gardner, H. (1990). Appreciation of metaphoric alternative word meanings by left and right brain-damaged patients. *Neuropsychologia*, 28(4), 375-383.
- Brundage, S. B., & Brookshire, R. H. (1995). A system for scoring proverb interpretations provided by non-brain-damaged and aphasic adults. *Clinical Aphasiology*, 23, 165-177.
- Cacciari, C., & Tabossi, P. (1988). The comprehension of idioms. *Journal of memory and language*, 27(6), 668-683.
- Caldas, A. C. (1979). *Diagnóstico e evolução das afasias de causa vascular*. (Tese de Douturamento), Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa,
- Clark, H. H., & Lucy, P. (1975). Understanding what is meant from what is said: A study in conversationally conveyed requests. *Journal of verbal learning and verbal behavior*, 14(1), 56-72.
- Cook, M., Murdoch, B., Cahill, L., & Whelan, B. M. (2004). Higher-level language deficits resulting from left primary cerebellar lesions. *Aphasiology*, 18(9), 771-784.

- Cunningham, D. M., Ridley, S. E., & Campbell, A. (1987). Relationship between proverb familiarity and proverb interpretation: Implications for clinical practice. *Psychological Reports, 60*(3), 895-898.
- Damásio, A. (1973). *Neurologia da linguagem*. (Tese de Douturamento), Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa,
- Davies, G., & Piovesana, A. (2015). Adult verbal abstract reasoning assessment instruments and their clinimetric properties. *The Clinical Neuropsychologist, 29*(7), 1010-1033.
- Delis, D., Kramer, J., & Kaplan, E. (1984). The California proverb test. *Unpublished protocol*.
- Delis, D. C., Kaplan, E., & Kramer, J. H. (2001). *Delis-Kaplan Executive function system: examiners manual*: Psychological Corporation.
- Ferretti, T. R., Schwint, C. A., & Katz, A. N. (2007). Electrophysiological and behavioral measures of the influence of literal and figurative contextual constraints on proverb comprehension. *Brain and Language, 101*(1), 38-49.
- Fine, E. M., Delis, D. C., Dean, D., Beckman, V., Miller, B. L., Rosen, H. J., & Kramer, J. H. (2009). Left frontal lobe contributions to concept formation: A quantitative MRI study of performance on the Delis–Kaplan Executive Function System Sorting Test. *Journal of clinical and experimental neuropsychology, 31*(5), 624-631.
- Gernsbacher, M. A., & Robertson, R. R. (1999). The role of suppression in figurative language comprehension. *Journal of pragmatics, 31*(12), 1619-1630.
- Gibbs, R. W., & Beitel, D. (1995). What proverb understanding reveals about how people think. *Psychological Bulletin, 118*(1), 133.
- Giora, R. (1999). On the priority of salient meanings: Studies of literal and figurative language. *Journal of pragmatics, 31*(7), 919-929.
- Giovannetti, T., Lamar, M., Cloud, B. S., Swenson, R., Fein, D., Kaplan, E., & Libon, D. J. (2001). Different underlying mechanisms for deficits in concept formation in dementia. *Archives of Clinical Neuropsychology, 16*(6), 547-560.
- Glucksberg, S., Gildea, P., & Bookin, H. B. (1982). On understanding nonliteral speech: Can people ignore metaphors? *Journal of verbal learning and verbal behavior, 21*(1), 85-98.

- Gorham, D. R. (1956). A proverbs test for clinical and experimental use. *Psychological Reports*.
- Hahs-Vaughn, D. L. (2016). *Applied multivariate statistical concepts*: Taylor & Francis.
- Hertler, C. A., Chapman, L. J., & Chapman, J. P. (1978). A scoring manual for literalness in proverb interpretation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *46*(3), 551.
- Kaiser, N. C., Lee, G. J., Lu, P. H., Mather, M. J., Shapira, J., Jimenez, E., . . . Mendez, M. F. (2013). What dementia reveals about proverb interpretation and its neuroanatomical correlates. *Neuropsychologia*, *51*(9), 1726-1733.
- Lezak, M. D., Howieson, D. B., Loring, D. W., & Fischer, J. S. (2004). *Neuropsychological assessment*: Oxford University Press, USA.
- Libon, D. J., McMillan, C., Avants, B., Boller, A., Morgan, B., Burkholder, L., . . . Grossman, M. (2012). Deficits in concept formation in amyotrophic lateral sclerosis. *Neuropsychology*, *26*(4), 422.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (Sílabo Ed.).
- Mehta, C. R., & Patel, N. R. (2010). *IBM SPSS exact tests*: SPSS Inc., Cambridge, MA.
- Monetta, L., & Pell, M. D. (2007). Effects of verbal working memory deficits on metaphor comprehension in patients with Parkinson's disease. *Brain and Language*, *101*(1), 80-89.
- Moran, C. A., Nippold, M. A., & Gillon, G. T. (2006). Working memory and proverb comprehension in adolescents with traumatic brain injury: A preliminary investigation. *Brain Injury*, *20*(4), 417-423.
- Moreira dos Santos, M. A. (2000). Dicionário de provérbios. *Adágios, Ditados, Máximas, Aforismos e Frases Feitas*, Porto Editora.
- Murphy, P., Shallice, T., Robinson, G., MacPherson, S. E., Turner, M., Woollett, K., . . . Cipolotti, L. (2013). Impairments in proverb interpretation following focal frontal lobe lesions. *Neuropsychologia*, *51*(11), 2075-2086.
- Nippold, M. A., & Haq, F. S. (1996). Proverb comprehension in youth: The role of concreteness and familiarity. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, *39*(1), 166-176.
- Nippold, M. A., Uhden, L. D., & Schwarz, I. E. (1997). Proverb explanation through the lifespan: A developmental study of adolescents and adults. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, *40*(2), 245-253.

- Papagno, C., Tabossi, P., Colombo, M. R., & Zampetti, P. (2004). Idiom comprehension in aphasic patients. *Brain and Language*, *89*(1), 226-234.
- Paul, L. K., Van Lancker-Sidtis, D., Schieffer, B., Dietrich, R., & Brown, W. S. (2003). Communicative deficits in agenesis of the corpus callosum: nonliteral language and affective prosody. *Brain and Language*, *85*(2), 313-324.
- Peña-Casanova, J. (1991). Programa integrado de exploración neuropsicológica-test barcelona: bases teóricas, objetivos y contenidos. *Revista de Logopedia, Foniatría y Audiología*, *11*(2), 66-79.
- Penn, N. E., Jacob, T. C., & Brown, M. (1988). Familiarity with proverbs and performance of a black population on Gorham's Proverbs Test. *Perceptual and Motor Skills*, *66*(3), 847-854.
- Qualls, C. D., & Harris, J. L. (2003). Age, working memory, figurative language type, and reading ability: Influencing factors in African American adults' comprehension of figurative language. *American Journal of Speech-Language Pathology*, *12*(1), 92-102.
- Rapp, A. M., Leube, D. T., Erb, M., Grodd, W., & Kircher, T. T. (2004). Neural correlates of metaphor processing. *Cognitive brain research*, *20*(3), 395-402.
- Rapp, A. M., Mutschler, D. E., & Erb, M. (2012). Where in the brain is nonliteral language? A coordinate-based meta-analysis of functional magnetic resonance imaging studies. *Neuroimage*, *63*(1), 600-610.
- Rapp, A. M., & Wild, B. (2011). Nonliteral language in Alzheimer dementia: a review. *Journal of the International Neuropsychological Society*, *17*(2), 207-218.
- Rolland, F. (1841). *Adagios, proverbios, riffsos, e anexins da lingua portugueza: tirados dos melhores authores nacionaes*: na Typ. Rollandiana.
- Strauss, E., Sherman, E. M., & Spreen, O. (2006). *A compendium of neuropsychological tests: Administration, norms, and commentary*: American Chemical Society.
- Swinney, D. A., & Cutler, A. (1979). The access and processing of idiomatic expressions. *Journal of verbal learning and verbal behavior*, *18*(5), 523-534.
- Thoma, P., & Daum, I. (2006). Neurocognitive mechanisms of figurative language processing—evidence from clinical dysfunctions. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, *30*(8), 1182-1205.

- Uekermann, J., Thoma, P., & Daum, I. (2008). Proverb interpretation changes in aging. *Brain and Cognition*, 67(1), 51-57.
- Van Lancker, D. (1990). The neurology of proverbs. *Behavioural Neurology*, 3(3), 169-187.
- Van Lancker, D. R., & Kempler, D. (1987). Comprehension of familiar phrases by left-but not by right-hemisphere damaged patients. *Brain and Language*, 32(2), 265-277.
- Wachholz, T. B. d. O., & Yassuda, M. S. (2011). The interpretation of proverbs by elderly with high, medium and low educational level: Abstract reasoning as an aspect of executive functions. *Dementia & Neuropsychologia*, 5(1), 31-37.
- Wechsler, D. (1997). Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos—3ª Edição: Instruções para a Administração e Cotação.(trad. e adapt. Port CEGOC-TEA, 2006). *Lisboa: CEGOC-TEA*.
- Yi, Y. G., Kim, D. Y., Shim, W. H., Oh, J. Y., Kim, S. H., & Kim, H. S. (2017). Neural correlates of Korean proverb processing: A functional magnetic resonance imaging study. *Brain and behavior*, 7(10), e00829.

ANEXOS

ANEXO A – Análise Descritiva das variáveis sexo, idade e escolaridade

Sexo		
	Frequência	Porcentagem
Masculino	28	46.7%
Feminino	32	53.3%
Total	60	100%

		Idade	Escolaridade
Jovens – Alta Escolaridade	Mínimo	19	12
	Máximo	28	18
	Média	24.80	15.67
	Desvio Padrão	2.04	1.72
	N		15
Jovens – Baixa Escolaridade	Mínimo	19	8
	Máximo	27	11
	Média	21.93	9.67
	Desvio Padrão	2.76	0.98
	N		15
Idosos – Alta Escolaridade	Mínimo	60	11
	Máximo	67	19
	Média	62.93	14.80
	Desvio Padrão	2.12	2.54
	N		15
Idosos – Baixa Escolaridade	Mínimo	62	3
	Máximo	78	6
	Média	68.33	4.40
	Desvio Padrão	5.45	0.91
	N		15
Total	Mínimo	19	3
	Máximo	78	19
	Média	44.50	11.13
	Desvio Padrão	21.68	4.83
	N		60

ANEXO B – Instrumento: Compreensão de provérbios: o papel da familiaridade, idade e escolaridade na interpretação

Compreensão de provérbios: o papel da familiaridade, idade e escolaridade na interpretação

Parte I - Dados Sócio Demográficos

1. Nome

2. Idade

3. Nº de anos de Escolaridade (completos)

4. Profissão

(No caso de ser reformado por favor indique a sua última profissão)

Parte 2 - Provérbios e Familiaridade

Os provérbios diferem relativamente à sua familiaridade, ou seja, o quão comuns, frequentes ou familiares parecem ser. Alguns provérbios são muito familiares enquanto que outros são quase totalmente desconhecidos.

De seguida, será apresentada uma lista de provérbios. A sua tarefa é dizer o que cada provérbio significa, ou em que situação é normalmente utilizado. Depois têm que classificar cada provérbio relativamente a quão familiar ou comum ele é para si, ou seja, a sua familiaridade. Aos provérbios que lhe pareçam mais familiares ou comuns deve dar uma maior classificação (no extremo superior da escala numérica). Aos provérbios que lhe pareçam não familiares ou que sejam desconhecidos para si deve dar uma menor classificação (no extremo inferior da escala numérica).

A sua classificação será feita numa escala de 7 pontos. Pode usar a escala inteira de números, do 1 ao 7. Não se preocupe com a frequência com que usa um determinado número desde que este corresponda ao seu julgamento sincero e verdadeiro.

5. **Grão a grão enche a galinha o papo**

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

2. A cavalo dado não se olha o dente

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

3. Os mortos aos vivos abrem os olhos

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

4. O sol quando nasce é para todos

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

5. O fruto proibido é sempre o mais apetecido

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

6. Moço de quinze anos tem papo e não tem mãos

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

7. Quem tem telhados de vidro não deve atirar pedras ao do vizinho

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

8. Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

9. Quem por rodeios fala, com arte anda

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

10. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

11. De pequenino é que se torce o pepino

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

12. Mais são os casos que as leis

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

13. Que nunca se diga: Desta água não beberei

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

14. Quem tudo quer tudo perde

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

15. Uma azeitona ouro, a segunda prata, a terceira mata

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

16. Quem vê caras não vê corações

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

17. A perdiz é perdida, se quente não é comida

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

18. Mais vale tarde que nunca

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

19. Uma andorinha não faz a primavera

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

20. Nem tudo o que brilha é ouro

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

21. Roma e Pavia não se fizeram num dia

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

22. Miguel, Miguel, não tens abelhas e vendes mel

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

23. A bom entendedor, meia palavra basta

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

24. Há mais marés que marinheiros

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

25. Tenhas ovelhas e não tenhas orelhas

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

26. Quem faz casa na praça, uns dizem que é alta, outros que é baixa
O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

27. Quem te avisa, teu amigo é
O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

28. Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje
O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

29. Levantou-se o preguiçoso a varrer a casa e pôs-lhe o fogo

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

30. O dinheiro do avarento duas vezes vai a feira

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

31. Cada cabelo faz sua sombra na terra

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

32. Cão que ladra não morde

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

33. Amizade de genro, sol de inverno

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

34. Filho de peixe sabe nadar

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

35. Cada um estenda a perna ate onde tem a coberta

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

36. Brincai com o asno, dar-vos-a na barba com o rabo

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

37. Quem anda à chuva molha-se

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

38. Mais vale prevenir que remediar

O que é que isto significa?

	1	2	3	4	5	6	7	
Pouco Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Familiar

ANEXO C – Estudo da Fiabilidade do Instrumento: variável significado

Alfa de Cronbach	Número de Itens
.887	38

Item	Alpha de Cronbach se o item for removido
1	0.885
2	0.881
3	0.883
4	0.887
5	0.883
6	0.885
7	0.883
8	0.888
9	0.885
10	0.882
11	0.886
12	0.883
13	0.886
14	0.884
15	0.888
16	0.887
17	0.886
18	0.883
19	0.880
20	0.883
21	0.882
22	0.888
23	0.885
24	0.880
25	0.886
26	0.884
27	0.882
28	0.887
29	0.886
30	0.883
31	0.884
32	0.885
33	0.883
34	0.881
35	0.884
36	0.888
37	0.886
38	0.883

ANEXO D – Termo de Consentimento Informado



Termo de consentimento informado

Caro Senhor(a),

No âmbito de um projecto de investigação para a obtenção do grau de Mestre em Neuropsicologia no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica, estou a realizar um estudo cujo o tema é “Compreensão de provérbios: o papel da familiaridade, idade e escolaridade na interpretação”. O objectivo desse estudo é averiguar a compreensão e a interpretação de provérbios.

As informações recolhidas serão efectuadas através de um questionário que terá a duração de, aproximadamente, 30 minutos.

A sua participação neste estudo é voluntária e pode retirar-se a qualquer altura, ou recusar participar. Este estudo não lhe trará nenhuma despesa ou risco.

Qualquer informação será confidencial, no entanto esta poderá ser divulgada no meio científico, garantindo o anonimato.

Para qualquer informação adicional, por favor contacte-me, Diogo Fernandes, através do endereço - dpf050@gmail.com.

Depois de devidamente informado(a) concordo em participar neste estudo.

Assinatura do Participante

Assinatura do Investigador

Data: __/__/2018

ANEXO E – Pressupostos Estatísticos

Análise Descritiva das Variáveis Idade e Escolaridade					
	N	Idade		Escolaridade	
		Jovens	Idosos	Alta	Baixa
		30	30	30	30
Significado	Média	45.43	47.13	53.03	39.53
	Desvio Padrão	15.95	6.07	8.95	10.88
	Mínimo	13	36	38	13
	Máximo	72	60	72	54
	Curtose	-.79	-.69	-.54	.06
	Assimetria	-.31	-.01	.12	-.87
Familiaridade	Média	162.83	183.47	176.93	169.37
	Desvio Padrão	24.17	12.99	13.99	27.35
	Mínimo	101	158	143	101
	Máximo	211	219	199	219
	Curtose	.64	1	.15	.46
	Assimetria	-.57	.51	-.64	-.60

Teste de Normalidade Kolmogorov-Smirnov ^a					
			Estatística	Graus de Liberdade	p
Idosos	.09	30	.20		
Escolaridade	Alta	.08	30	.20	
	Baixa	.15	30	.10	
Familiaridade	Idade	Jovens	.09	30	.20
		Idosos	.12	30	.20
	Escolaridade	Alta	.15	30	.09
		Baixa	.12	30	.20

^a Com correção de Lilliefors

Teste de Levene para a homogeneidade de variâncias				
	F		Graus de Liberdade	p
Significado	2.90	3	56	.04
Familiaridade	1.79	3	56	.16

Teste de Box para a igualdade de
matrizes de variância-covariância

M de Box	21.87
F	2.27
Graus de Liberdade	9 35937.95
p	.015

ANEXO F – Análise de Variâncias Multi (MANOVA) e Univariada

Estatística Descritiva						
			Média	Desvio Padrão	N	
Significado	Jovens	Alta	58.07	7.96	15	
		Baixa	32.80	11.03	15	
		Total	45.43	15.95	30	
	Idosos	Alta	48.00	6.94	15	
		Baixa	46.27	5.15	15	
		Total	47.13	6.07	30	
	Total	Alta	53.03	8.95	30	
		Baixa	39.53	10.88	30	
		Total	46.28	12.00	60	
	Familiaridade	Jovens	Alta	173.87	15.52	15
			Baixa	151.80	26.61	15
			Total	162.83	24.17	30
Idosos		Alta	180.00	12.00	15	
		Baixa	186.93	13.41	15	
		Total	183.47	12.99	30	
Total		Alta	176.93	13.99	30	
		Baixa	169.37	27.35	30	
		Total	173.15	21.87	60	

Análise Multivariada							
	Traço de Pillai	F	Graus de Liberdade		p	Eta ² Parcial	Poder Observado
Idade	.27	10.13	2	55	.00	.27	.98
Escolaridade	.44	21.86	2	55	.00	.44	1
Idade*Escolaridade	.42	20.33	2	55	.00	.43	1

Análise Univariada

	SQ	GL	MQ	F	p	η_p^2	PO
Idade							
Significado	43.35	1 56	43.35	.67	.42	.01	.13
Familiaridade	6386.02	1 56	6386.02	20.07	.00	.26	.99
Escolaridade							
Significado	2733.75	1 56	2733.75	42.10	.00	.43	1
Familiaridade	858.82	1 56	858.82	2.70	.11	.05	.37
Idade*Escolaridade							
Significado	2076.82	1 56	2076.82	31.98	.00	.36	1
Familiaridade	3153.75	1 56	3153.75	9.91	.00	.15	.87

Nota: SQ, Soma dos Quadrados; GL, Graus de Liberdade; MQ, Média Quadrática; η_p^2 , Eta² parcial; PO, Poder de observação

ANEXO G – Teste de Comparações Múltiplas de Bonferroni

Teste de Comparações Múltiplas de Bonferroni					
		Diferença entre Médias	Desvio Padrão	p	
Significado	Jovens Alta	Jovens Baixa	25.27*	2.94	.00
		Idosos Alta	10.07*	2.94	.01
		Idosos Baixa	11.80*	2.94	.00
	Jovens Baixa	Jovens Alta	-25.27*	2.94	.00
		Idosos Alta	-15.20*	2.94	.00
		Idosos Baixa	-13.47*	2.94	.00
	Idosos Alta	Jovens Alta	-10.07*	2.94	.01
		Jovens Baixa	15.20*	2.94	.00
		Idosos Baixa	1.73	2.94	1
	Idosos Baixa	Jovens Alta	-11.80*	2.94	.00
		Jovens Baixa	13.47*	2.94	.00
		Idosos Alta	-1.73	2.94	1
Familiaridade	Jovens Alta	Jovens Baixa	22.07*	6.51	.01
		Idosos Alta	-6.13	6.51	1
		Idosos Baixa	-13.07	6.51	.30
	Jovens Baixa	Jovens Alta	-22.07*	6.51	.01
		Idosos Alta	-28.20*	6.51	.00
		Idosos Baixa	-35.13*	6.51	.00
	Idosos Alta	Jovens Alta	6.13	6.51	1
		Jovens Baixa	28.20*	6.51	.00
		Idosos Baixa	-6.93	6.51	1
	Idosos Baixa	Jovens Alta	13.07	6.51	.30
		Jovens Baixa	35.13*	6.51	.00
		Idosos Alta	6.93	6.51	1

*diferença significativa para $\alpha=.05$

ANEXO H – Teste de Qui-Quadrado

Qui- Quadrado: Teste de Homogeneidade						
	Familiaridade			Significado		
	χ^2	gl	p	χ^2	gl	p
P1	4.31 ^a	2	.12	3.16 ^a	2	.24
P2	9.31 ^a	5	.10	4.65 ^a	2	.13
P3	5.09 ^a	6	.53	3.64	2	.16
P4	22.55 ^{*a}	6	.00	.67 ^a	2	1
P5	9.95 ^{*a}	5	.02	8.33 ^{*a}	2	.01
P6	2.48 ^a	4	.75	4.47	2	.13
P7	16.53 ^{*a}	5	.00	5.48 ^a	2	.07
P8	3.41 ^a	2	.42	2.08 ^a	2	.59
P9	7.24 ^{*a}	3	.04	.98 ^a	2	.69
P10	1.28 ^a	3	.87	7.92 ^{*a}	2	.01
P11	9.33 ^{*a}	6	.04	1.69 ^a	2	.67
P12	8.80 ^a	5	0.10	4.55	2	.11
P13	13.94 ^{*a}	6	.00	4.75 ^a	2	.10
P14	2.58 ^a	3	.59	3.65	2	.16
P15	3.85 ^a	6	.76	2.97 ^a	2	.27
P16	13.27 ^{*a}	5	.00	1.08 ^a	2	.71
P17	2.08 ^a	4	.91	2.99 ^a	2	.21
P18	.00 ^a	2	1	2.53	2	.30
P19	8.45 ^a	6	.22	1.68	2	.42
P20	18.15 ^{*a}	5	.00	5.91 ^a	2	.06
P21	11.07 ^{*a}	4	.02	3.16 ^a	2	.22
P22	4.68 ^a	6	.77	4.69 ^a	2	.12
P23	8.80 ^a	5	.07	24.90 ^{*a}	2	.00
P24	6.29 ^a	5	.26	10.19 ^{*a}	2	.00
P25	1.71 ^a	3	.62	5.15 ^a	2	.09
P26	6.34 ^a	6	.41	.65 ^a	2	.76
P27	2.29 ^a	2	.43	6.21	2	.06
P28	2.07 ^a	2	.55	9.75 ^{*a}	2	.00

P29	5.35 ^a	5	.47	3 ^a	2	.36
P30	17.93 ^{*a}	6	.00	4.48 ^a	2	.12
P31	4.14 ^a	6	.88	1.32 ^a	2	.61
P32	4.45 ^a	3	.25	.35 ^a	2	.1
P33	8.08 ^a	5	.10	7.20 ^{*a}	2	.03
P34	13.94 ^{*a}	5	.00	5.60 ^a	2	.07
P35	21.34 ^{*a}	6	.00	5.95 ^{*a}	2	.04
P36	5.02 ^a	3	.24	3.16 ^a	2	.24
P37	5.08 ^a	5	.47	1.78 ^a	2	.47
P38	3.02 ^a	3	.74	1.24 ^a	2	.61

χ^2 : estatística qui-quadrado; gl, graus de liberdade

Design: Idade*Familiaridade e Idade*Significado

*significativo para $\alpha=.05$

^a existe pelo menos uma célula com uma contagem esperada inferior a 5